

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

CAUSAS DE DESASSOSSÊGO

Se a nação está desassossogada, fácil é descobrir as causas dêsse desassossêgo.

Uma delas e das principais é o decreto da separação. Em si considerado é mau. Os próprios republicanos, e dos mais em evidência, o reconhecem.

Um deles teve o louvável desassombro de qualificar de *garotice* êsse decreto. E' a mais formal condenação com que o podia fulminar.

Muitos o teriam combatido vivamente, se os não enleasse o receio de fornecer argumentos de opposição à república com a opposição que lhe fizessem.

O decreto não é de separação, como dizem e que como tal seria tolerável e até aceite com visível benevolência, mas de estrangulação, de opressão, de escravização.

Todos os católicos, e até muitos que o não são, mas que prestam culto à justiça e à equidade, ficaram assombrados com a publicação dêle nos termos em que se acha exarado, e aí viram logo um fermento de discórdias, um rastilho de tumultos, um gérme de grandes perturbações.

E mais dum ano de regimen de separação tem mostrado que todas as apreensões e previsões infaustas a seu respeito tem tido um evento tam certo como lamentável.

E êste decreto, para ser ainda mais irritante e perturbador, veio de chofre, improvisamente, de golpe.

A nação, que durante séculos tinha vivido, bem ou mal, no regimen da união, sem preparação de espécie alguma nem reclamação de ninguém, dum dia para o outro vê-se na necessidade de modificar de repente os seus hábitos inveterados, de quebrar dum golpe as suas tradições seculares, de se acomodar sem demora a uns novos costumes.

Não se lhe deu o mais breve espaço de tempo para pensar no meio de mais facilmente se adaptar à nova situação que lhe criaram.

Havia pressa em fazer a separação com todas as suas durezas, com todas as suas injustiças, com todas as suas violências, no mais curto prazo.

Sucedeu aos católicos como ao inquilino que, sem aviso prévio, num dado momento, é obrigado a despejar o prédio em que habita, sem saber ainda onde há de arrumar os seus móveis, nem onde há de recolher-se.

Se o decreto era mau, com esta precipitação com que começou a ser executado ainda mais descontentou e axacerbou os católicos. E se as suas disposições eram duma dureza draconiana, os seus executores ainda mais as agravaram, estendendo-as e alargando-as no sentido da opressão e da espoliação.

Os paços episcopais, que eram conservados aos Prelados que os habitavam durante a vida dos mesmos, já estão ocupados por outros moradores; as residências paroquiais, que também se prometiam aos párocos nas mesmas condições, já estão despejadas; os edificios dos seminários, que haviam de permanecer no seu destino durante cinco anos, já tem outra aplicação. E assim se cumpriram outras disposições.

E note-se que o decreto da separação afecta toda a nação.

Há medidas legislativas que affectam apenas uma classe—a commercial, a industrial ou a agrícola, e que, porisso, não sendo bem recebidas, a nação, no seu todo, pouco ou nada sofre. Não sucede assim, porém, com o decreto da separação.

Este, se mais directamente afecta o clero, mais ou menos directamente afecta toda a nação, porque os católicos ainda formam a maioria e estão distribuidos por todas as classes.

E aqui está a razão por que é geral o descontentamento contra a separação.

Operários, lavradores, industriais, commerciantes, officiais do exercito, funcionários públicos, que são católicos, estão indignados com a maior parte das disposições do decreto separatista.

Pretendem alguns republicanos de má alma fazer crer que toda a opposição a êsse decreto vem só do clero e é promovida pelo clero. Ora isso é uma falsidade que só um tolo não sabe conhecer.

Todo o católico que seja sincero, não pode deixar de condenar a separação nos termos em que está decretada.

Condenou-a o Papa, condenaram-na os Bispos; como pode haver um católico que a não condene?

Por conseguinte não se diga que só o clero é contrário ao decreto da separação. É-lhe contrária a maioria, a grande maioria da nação.

Há em Portugal centenas, milhares de confrarias sob os mais variados titulos. Pois, pondo de parte as crianças, talvez que não haja *cem mil* portuguezes que não pertençam a alguma confraria. E as confrarias foram mortalmente feridas pelo decreto separatista; o que descontentou não só os que faziam parte dessas pias associações, mas todos os que viviam muito licitamente à sua sombra: cereiros, pintores, doiradores, escultores, vestimenteiros, etc.

Portanto o decreto da separação é uma das principais causas do desassossêgo da nação.

Só o não deixa ver o sectarismo mais ímpio ou o facciosismo político mais apaixonado.

E outra causa dêsse desassossêgo está na falta de respeito à crença dos católicos.

Reconhece-se e confessa-se, que êstes são a maioria da nação e no entanto, sob o ponto de vista religioso, tem-se lhes feito as mais graves injúrias e as mais pesadas afrontas.

Quantos templos não tem sido horrivelmente profanados depois do predomínio dos republicanos?

Uns tem sido arrombados e outros assaltados pelos bandoleiros mais despiedosos.

Tem-se cometido sacrilégios nefandos que um católico não pode ouvir sem um estremecimento de pavor.

O sacrário, que é o repositório do Santo dos Santos, tem sido sacrilegamente violado.

Os altares tem sido poluidos com nojentas imundícias.

As imagens mais veneradas tem sido mutiladas ou despedaçadas barbaramente.

Cruzeiros notáveis pelo seu valor artístico tem sido derrubados.

E os criminosos, que tem cometido êsses abominandos desacatos, não tem sido perseguidos, nem castigados.

Há soldados, policias e carbonários para prender os chamados conspiradores e até para os inventar onde os não haja; mas não há autoridade que consiga capturar os criminosos sacrilegos.

A impiedade tripudia nas ruas e nas praças sem a mínima repressão.

¿E querem os republicanos, de marca livre-pensadora, que a parte sã, crente e conservadora da nação não se revolte contra tamanhos crimes que ofendem as suas crenças, e contra quem os consente quando muito bem os podia punir?!

E aqui está outra causa da inquietação que se sente por todo o pais.

Estas duas—a separação e o desrespeito às crenças católicas—são as principais e aquelas a que devem atender, em primeiro lugar, os que diligenciem fazer a obra de apaziguamento de que tanto precisamos.

Ao Ex.^{mo} Rev.^{mo} Sr. Dom Manuel Baptista da Cunha, Venerando Arcebispo Primaz

Excelência Reverendíssima:

Permiti, Senhor Arcebispo, que principie por me curvar reverente ante Vossa Excelência Reverendíssima e respeitosa beije o Sagrado Anel do meu Prelado, cujas virtudes e saber o tornam preclaríssimo espelho dos Veneráveis Dom Frei Bartolomeu dos Mártires e Dom Frei Caetano Brandão, ambos de santa e suavíssima memória.

Perdoi, Ex.^{mo} Rev.^{mo} Senhor, vossa paternal caridade a esta Vossa humilde *ovelha* perdida nos recantos da velha Guimarães, vir incomodar a veneranda Pessoa de Vossa Excelência Reverendíssima, cuja saúde e pesados anos mais necessitam de repouso e quietação que *balidos*, ainda que sejam de *ovelha* humilde e mansa.

Mas, que ousadia e coragem a minha, Excelência Reverendíssima! quem sou eu, Sapientíssimo Antistite, para vos vir perturbar no Vosso Destêrro, onde curtis amarguras e sobrecarregais a Vossa Cruz cada dia mais pesada?

Eu, meu Santo e Respeitabilíssimo Prelado, sou o *éco* de aquella voz suplicante e angustiada pelo susto que um dia, no lago de Tiberiades, clamara para o adormecido e terno Jesus:— Senhor, acudi aos vossos amigos, acordai, Senhor, e mandai que os ventos cessem suas fúrias, quando não todos pereceremos! A minha alma de católico apavora-se, Excelência Reverendíssima, com tudo quanto vê, ouve e lê; a minha razão vacila e a minha fé quasi me foge como à lampadazinha a luz, que não tem assíduo curador!

Excelência Reverendíssima: os párocos, falo só dos que conheço, e os curas, inclusivê o da minha paróquia *não vivem nem vegetam sequer*;— *agonizam* lenta, cruciante e *tantalicamente*!

Não tem *pão nem casa* e raerem os meios, cada dia e assustadoramente, para occorrerem àquelas duas invencíveis necessidades; a fé entre o povo tende a apagar-se *quando se fala em não deixar perecer o padre à mingua*; e isto não é segredo, Senhor Arcebispo, para ninguém.

Depois, os nossos párocos leram o «Manifesto dos padres pensionistas» publicado nos jornais da capital em 2 do corrente; mediram e pesadamente meditaram as palavras do Ex.^{mo} Cardeal Merry del Val, em julho de 1911:

— Que não é conveniente aplicar penas disciplinares aos padres que aceitem as pensões por motivo de miséria—*non è expediente prendere misure disciplinari alli parrochi cobro accitano degli pensioni*; sabem, infelizmente, que os últimos acontecimentos políticos lançaram na Penitenciária ou levaram para o exílio um número considerável dos seus irmãos no sacerdotio; tem noticia certa de que na diocese do Patriarcado e em muitas outras da República, *espontaneamente* dezenas e dezenas de párocos tem abandonado as respectivas freguesias por falta de recursos; sda-lhes aos ouvidos o grito quasi bélico de—*nós somos oitocentos!*—*A necessidade*

P. A.

é superior a todas as leis humanas!»

Enquanto os Reverendos pensionistas cogitam a melhor forma de provar que há flagrante contradição entre as palavras proferidas há um ano pelo Eminentíssimo Cardeal Secretário e a actual attitude do Osservatore Romano;

Enquanto os mesmos srs. pensionistas entendem dever fazer afirmações claras, categóricas perante o país; afirmações que definam por sua vez a sua situação e os seus lias desejos;

Enquanto que declaram, alto e bom som, que o seu «comento é de oitocentos varões fortes» e que aceitaram as pensões para não caírem e suas famílias na miséria;

Enquanto, finalmente, estes católicos padres pelo cérebro e pelo coração, ousam dizer a Roma que *pondere maduramente...* e aos Bispos portugueses: — *se já pensarem nas consequências da sua manifesta hostilidade!*...

E' para comoções, ver de outro lado talvez uns 2.765 párocos também flagelados pela necessidade, doenças, velhice e família — muitos deles — e todos silenciosamente resignados!

E, nós, os leigos, Excelência Reverendíssima, vendo estes 2.765 mártires, como que insensíveis a tantos tormentos, somos tentados a pensar que, a não serem insensíveis, serão, com a devida vénia, estúpidos de entendimento!

Mas, não, Senhor Arcebispo! E' que eles sabem, pelo terem gravado no coração, este dito de Sam Bernardo: *Hoc non fecit stupor, sed anior!*

Eles bem sentem as dores dos tormentos, assás mortificados estão seus ânimos ao contemplarem o magro caldo e o seu bocado de pão duro e negro; porém enquanto Roma e o seu Prelado não falarem claro e categoricamente *nada* levantarão da magnífica taça, onde a redentora pensão brilha fascinante e bela como as escamas argentinas da serpente sinistra que enganou nossa Primeira Mãe!

Fala-se em que novo prazo para requerer pensões será concedido pela República: dignai-vos, pois, falar, Senhor Arcebispo; apareça a *Voç da Verdade* a derramar luz sobre o caminho a seguir por entre esta emaranhada selva de opiniões e incertezas; deixar que os Reverendos párocos pratiquem, segundo suas consciências, nesta questão das pensões, — não será mau expediente, mas não parece norma segura por onde se regulem consciências, que tem a Lei como bússola e a obediência inteira como fanal que as guie através de tam variadas opiniões, embora bem intencionadas.

Falai, pois, Excelência Reverendíssima, que *as vossas ovelhas* vos escutam; um *sim amável* ou um *não disciplinar*, nunca causarão o bem estar material colectivo —, mas valem por um vento saudável que limpe estes *ares* empestados pela dúvida e escrúpulos, tam perniciosos para o espírito como a lepra para o corpo!

A quem deverei eu, *simples orelha*, reverenciar e cegamente obedecer?

Ao actual padre pensionista, que aspira a um viver magnífico e oriental, saboreado à *sombra acalentadora dos escudos* da República, e isto porque não repugna à sua consciência, ou ao pároco não pensionista, pobre, faminto e quasi descalço, que pensa exactamente o contrário.

Excelência Reverendíssima: um célebre mutualista conta que a água, quando se sente envelhecer, lança-se impulsionada por uma vontade ingentemente milagrosa, do seu penhasco altivo para as regiões do ar e vai subindo, subindo até estar tam perto do sol que as suas azas se abraçam; sentindo-se devorada por tam ardente fogo, desce célere à terra,

mergulha-se três vezes numa refrigerante fonte e sai dali rejuvenescida, vigorosa e batalhadora como se nunca tivera sido velha.

Também a minha alma, Senhor Arcebispo, vòs até junto de Vossa Veneranda Pessoa e, como que ajoelha ante a Vossa Autoridade de Benigníssimo Pastor, para, como a água, se requeimar nas *palavras redentoras* que a Vossa veneranda boca proferirá; que a resposta, pois, de tam venerando quam sábio Prelado, seja para a minha consciência e para a daqueles que nas minhas ideias comungam, como o salutar banho da água, que também a remoço e fortifique.

Beijo humilde e reverente o Sagrado Anel de Vossa Excelência Reverendíssima.

Guimarães, 14 de Setembro de 1912.
(Dia da Exaltação de Santa Cruz).

Nivardo.

A casa que mais sortido tem e que mais barato vende Bicicletas, acessórios, fazendas, miudezas, modas, perfumarias, bordados a pêsco, panos para enxovais, guarda-sóis, etc., é a LOJA DO BENJAMIM — Tournal, 105.

Grotescos

Leitores, esta agora faz pasmar! e porque quero ser vosso amigo hoje procuro aqui mais um abrigo para este novo caso vos narrar.

O regedor de Pinheiro, um homenzinho, coitado, que, a favor do seu Couceiro já esteve *catrafilado*, deu agora na mania de correr a freguesia com dois cabos bem armados de grossa trabucaria. Com semelhante aparato, cá de longe reparando na posição dum pacato, o caso fui indagando. Aproximando-me um pouco ouvi falar quasi rouco o célebre regedor que dizia como louco:

— *Pode ler so sór quiger este mandado que me deu dautorridade... Ando có peditório darepública— ora diga quanto dá porque quero apresentar esta semana o dinheiro—*

... E por mais voltas que deca o pobre do lavrador vendo que elle estava à espera foi, parece que a vapor a sua casa buscar algum cobre que lhe dera só para o não atutar.

E correu a freguesia sempre na mesma cantiga pousando em novos e velhos ou em qualquer rapariga. O povinho, vem se vê, de tal modo atormentado não indagava p'ra quê ficando todo escamado.

Podia seguir mais além na narração deste caso mas começando a contar então ia tudo raso e eu só quero perguntar se será ou não verdade que se chame a um caso destes abuso de autoridade!

Tirteu.

Todos devem possuir um despertador, e na ourivesaria Fernandes & Cruz vendem-se, da optima marca Baby, a 600 réis.

Gil Vicente

Se à glória de Guimarães a figura épica do fundador da nacionalidade empresta um clarão de extraordinário brilho, o perfil intelectual e moral do fundador do teatro português é pelo menos para o espirito moderno, a sua página mais bela, o seu melhor título de orgulho.

O problema, por tanto tempo insolúvel, da terra da naturalidade de *Mestre Gil*, não oferece hoje sombra de dúvidas. Guimarães foi o seu berço e apenas e discussão oscila entre se foi ella ou um provável primo seu — do mesmo nome — o autor da formosíssima *custódia* de Belem. E' incontro verso que houve nesta nossa querida terra uma familia Gil Vicente, trabalhadores fámózos de ourivesaria, cujo chefe mais tarde, foi lavrante da rainha D. Leonor. E' também ponto assente que na Colegiada de Guimarães estudou *humanidade*, um escolar Gil Vicente, que, segundo todas as probabilidades, foi mais tarde o celebre comediógrafo que encheu de maravilhas de arte o palácio dos reis de Portugal e foi o assombro da Europa culta.

Erasmo chegou a aprender o português para o ter no original. João de Ensino era então em Castela seu émulo, imensamente inferior. E se lhe quisermos encontrar paralelos, ou temos de ir à Inglaterra buscar Shakespear ou esperar que a França nos dê Molière. Todos os três autores e actores, fulge-lhes no cérebro a luz do génio que assombra e subjuga.

Mas não é aqui lugar asado para delinear o alto perfil intelectual de *Mestre Gil*, uma das maiores glórias de Portugal. E' nosso intuito apenas relembrar que elle é filho de Guimarães, desta desprotegida e ingrata terra, eterna madrastra para os filhos que mais lhe querem. Pensamos apenas em perguntar o que tem feito Guimarães, até hoje, para glorificar o seu filho mais conhecido e mais soberbamente grande, e a resposta todos a sabem: o nome numa rua, como a qualquer individualidade medíocre, o nome num teatro, que nem é sequer a sua primeira casa de espectáculos.

Esta ingratitude, que atinge, pela grandeza do vulto que fêre, a mais grave injustiça, até mesmo uma triste vergonha, merecia bem ser ponderada pelos que representam em Guimarães o elemento intelectual. Uma intensa e benéfica obra de propaganda, que ensinasse, a todos aqueles a quem falta a educação literária, o valor da gloriosa figura do *Mestre Gil*, serviria a unir, numa conjugação soberba, os esforços de todos os verdadeiros amigos de Guimarães. E para bom êxito dessa empresa grandiosa, bastará afirmar que a política — a clássica megera — não teria aí que mesclar-se. Dentro da consagração ao vulto enorme do Gil Vicente caberiam todas as crenças e todas as ideias — é esta a grande virtude dos génios. *Mestre Gil* é o autor da oração à Virgem, os mais lindos, os mais comovidos, os mais puros gritos que um crente pode soluçar a Maria. *Mestre Gil* foi o fustigador, em pleno paço, deante do alto clero e da mais alta nobreza, da fradaria potente e desbragada, até mesmo do Vaticano, supremo senhor das vontades régias. E a tal ponto, nele se manifestaram estas supremas qualidades de justiça, que se é difficil encontrar quem mais profundamente manifestasse pela sua arte a sua crença, não o é menos achar quem, no periodo glorioso da Renascença, soubesse mais alto erguer o espirito do livre arbitrio e da consciência livre. Na comemoração, pois, de Gil Vicente, podem caber todas as maneiras de pensar.

Mas a todos também deve sobelevar o ideal de gratidão dos filhos da sua terra. Glorifiquemos o homem, que sendo um dos mais legítimos motivos de orgulho de Portugal, o-é, claramente, muito mais ainda da nossa querida terra, que o viu nascer.

Haverá aí quem nos ouça?

X.

O BENJAMIM, ao Tournal 105, é correspondente das 7 importantes fábricas de Bicicletas das seguintes marcas: Derby, Spring, Peugeot, Raleigh, Tagus, Sirius e Kimer-Dura que vende desde 22\$000, 35\$000, 40\$000 e 50\$000, postas nesta cidade sem mais despesas.

A feira de cereais

Há muito que se vinha notando a necessidade de destinar um local que fôsse apropriado para esta feira que semanalmente costuma ser muito concorrida no dia de mercado.

Antes da mudança do passeio público para o largo onde actualmente está, praça de D. Afonso Henriques, era ali que ella se realizava, não faltando quem bramisse contra o facto, por ali se encontrar a estátua do fundador da nacionalidade portuguesa, que nos sabados parecia, de espada em punho, comandar uma hoste aguerrida... de feijões.

Depois de transformado o largo referido foi mudada a feira para o largo fronteiro aos templos e hospital da V. O. T. de S. Francisco, um largo irregular e acanhado, e como tal impróprio para aquele effeito.

A comissão administrativa da Câmara Municipal acaba de resolver com acerto o problema há tanto tempo debatido, fazendo transferir a feira para o largo da Misericórdia.

Não sendo ainda um local que, satisfaca por completo ao fim a que é destinado, é, contudo, o melhor e o mais apropriado que a cidade actualmente possui e portanto a deliberação da comissão digna de louvor.

O depósito de máquinas de costura, na ourivesaria de Fernandes & Cruz, deve ser preferido por que é o que melhores modelos tem e o que mais barato vende, tanto a dinheiro como a prestações.

A conspiração

Nada se tem adiantado, que nos conste, sobre o presumido *complot* monárquico desta cidade.

No edificio das Doroteias continuam detidos vários individuos, alguns dos quais incomunicáveis há mais de dois meses, sem que até hoje se saiba qual a responsabilidade que sob elles impende.

Também continúa detido, incomunicável há mais de dois meses guardado com sentinela à vista, o sr. tenente Abreu Lima que, segundo nos dizem, durante todo este tempo de investigação cuidada, apenas foi interrogado duas vezes.

Valha-nos Deus.

O Benjamim liquida nesta ocasião:

Lenços de seda grandes a 1\$000 réis!! Chales finos escocêses a 1\$800 e 2\$000 réis! Kimonos-blusas a 300 e 400! Chitas a 100 e 80 réis! Guarda-sois com canas de ferro a 650 e 700 réis!!

Bocadinhos de ouro

O nosso querido conterrâneo sr. dr. Alfredo Pimenta publica no penúltimo número do semanário desta cidade *Alvorada* uma interessante carta de que transcrevemos os seguintes periodos que demonstram exuberante a máguia com que foi escrita.

Meu caro amigo Carvalho:

Ontem, à noite, à volta da estopante e fatigante massada do ministério, em casa já, entregaram-me a *Alvorada*, jornal que o meu amigo muito distintamente dirige. E não sei porquê, caíram-me os olhos sobre a local intitulada *Progresso... de caranguejo*. Li-a e com espanto vi que o meu amigo apelava para mim, como se eu pudesse, valesse ou fôsse alguma coisa. E ainda eu não estava refeito dessa estranheza, quando deparei com o artigo de fundo assinado gravemente, solememente, pelo deputado por Guimarães, sr. dr. Eduardo de Almeida. Leio a *Alvorada* desde o seu início. E visto como nestes 94 números que ella conta já, não me lembro de qualquer artigo do deputado por Guimarães, logo concluí que esse artigo devia ser solene, devia dizer alguma coisa, devia trazer água no bico... Durante tantos meses calado, elle que neste momento de paz podre falava, é que alguma coisa queria dizer. E de facto...

.....O meu amigo não esqueceu por certo o que em Guimarães se deu, logo após a proclamação da República, e o papel de conciliador, de harmonizador, de pacificador que aí desempenhei, sem maltratar ninguém, defendendo todos até aqueles que eu menos obrigação tinha de defender. Sabe para que provoqueei uma conferência no Hotel do Tournal, os intuitos que me animaram e as palavras de censura que aí se proferiram contra quem, hoje, talvez, não hesite em afirmar, como o sr. dr. Eduardo de Almeida, que eu, na propaganda republicana em que continho, sou movido pela pequena e ridícula aspiração de ser ministro!

.....O indiferentismo vencera-o. A atmosphera da política vimaranesse abafava-o e empolgava-o. Eu tinha apagadas, nevoentas noticias dele... Eu não conseguí, por mais tentativas que fizesse, que elle viesse para os tablados do comício ou para as colunas dos jornais, prégar a doutrina da libertação. Eu convidava-o, insistia com elle para que viesse, mas encontrava sempre, sempre, o seu retraimento doentio e que me alarmava. Eu, ou porque fôsse mais teimoso ou porque já me inspirasse a pequena e ridícula aspiração de ser ministro, mantive-me, através de todos os sacrificios, no que eu considerava o meu lugar, ensinando, prégando, escrevendo e — passando à porta da minha familia para a ver fechada, tam resolutamente que ainda hoje se não abriu. Mas veiu a República, e eu constatei que Eduardo de Almeida, deslumbrado com a evidência dos factos e vencido pelo entusiasmo da revolução, saíra do seu retraimento, do seu indiferentismo, e vinha lançar-se na maior agitação política — administrar o concelho de Guimarães.

.....O Eduardo de Almeida que eu conhecêra, retraído, indiferente, quasi fradesco; o Eduardo de Almeida que fizera em Guimarães, como administrador, uma politica de conciliação, de ordem, de confiança, de paz e de entendimento; o Eduardo de Almeida que se afirmava leitor de Comte e parti-

dário da maior tolerância — enfileirava com quem era a negação absoluta de tudo isso, desde o chefe, desarvorado ferrabraz, até ao mais pequeno dos seus soldados? Não nego que fiquei assombrado quando o vi ter por orgão o *Mundo*, e perguntei-me que transformação se teria operado no espírito daquele rapaz? Disse-lho muitas vezes, nunca lho escondi. Hoje, digo-o aqui com a mesma tranquilidade com que em conversas lho disse já. Mas o facto estava consumado. Eduardo de Almeida representava em Guimarães o espírito jacobino, estreito, fechado; e de tal modo que os que na véspera o consideravam talassa e protector de talassas, passavam a rodá-lo, aclamá-lo, a entusiasma-lo.

O jacobinismo tanto o preverteu, tam completamente o cegou já, que o leva a esquecer a sua posição e o respeito que a si mesmo deve. O silêncio do deputado por Guimarães, tam longo, tam estranhavel, foi quebrado para ferir quem nunca o feriu, para magoar quem sempre o poupou.

Não escondo, meu amigo, a tristeza que me invade e me envolve o cotação. Eu teimo em vêr, por sob a capa do politico, o meu amigo doutras eras, aquêlê em quem cheguei a pôr o melhor da minha confiança, o melhor das minhas esperanças. Se eu visse nêlê apenas o adversário, ao reproduzir para aqui a tortuosa insinuação final do seu artigo, eu perguntar-lhe-ia muito claramente, de face bem erguida, de olhos bem fitos nos seus olhos: — quem tem pequenas e ridiculas aspirações? o senhor que, nas horas adversas se fechou em casa, enquanto eu, cá fora, na rua, lutava, ou eu que nas horas do triunfo, me metia em casa, enquanto o senhor, acodadamente saía da sua, para que a administração do concelho lhe fôsse parar ás mãos e a ocasião de vir ao Parlamento se não perdesse?

Não queriamos fazer comentário algum mas segredamos aqui do lado um importuno que o sr. dr. Eduardo está *ressabiado* com o sr. Dr. Alfredo por êste lhe levar as lampas em politica e vir empanar o sol que lhe doirava a almajada preponderância.

Raio de importuno! Sumete!
E o alma danada a teimar...
Com efeito. No dia 28 de Julho último foram êstes cavalheiros nomeados sócios honorários da Associação Commercial desta cidade, pelos relevantes serviços prestados a mesma e ao concelho, o que a ambos foi comunicado por officios iguais.

O sr. dr. Alfredo respondeu logo a seguir nestes termos:

Ex.º Sr.:

Recebi o officio de V. Ex.ª de 30 de julho, em que me dá a agradável noticia da decisão com que a Associação Commercial de Guimarães acaba de honrar o meu nome.

Extremamente grato a essa prova de consideração permita-me V. Ex.ª que sem modestias — qualidades que não possuo — lhe diga que a considero imerecida.

Servindo Guimarães na medida das minhas forças, dentro do alcance do meu pobre valimento faço-o sem outro intuito que não seja servi-la e sem outro motivo que não seja o cumprimento do meu dever. Amo a cidade de Guimarães; Amei-a sempre, mesmo nos tempos afastados das loucuras (aliás generosas e honestas e bem intencionadas!) da mocidade, quan-

do muitos supunham ver em mim o que nunca fui e me atribuíam propósitos que nunca tive.

Amo a cidade de Guimarães com um amor que é bem meu, bem profundo e inabalável.

E se nas minhas mãos estivesse o eu transformá-la, embelezá-la de tal maneira que pudesse torná-la a mais linda e a mais próspera e a mais activa cidade de Portugal, eu fá-lo ia, convencido de que cumpria apenas um dever sagrado: o dever de bom republicano e de bom cidadão. Jámais poderei esquecer que Guimarães é, além da minha terra, a terra dos meus primeiros amores e das minhas primeiras lágrimas, dos meus primeiros triunfos e dos meus primeiros desastres, dos meus primeiros passos, e que eu espero ser a terra das minhas últimas horas, jámais poderei esquecer que é a terra de Martins Sarmento.

E Martins Sarmento, para nós outros que andamos caminhando neste ascensível mas doloroso Calvário da Sciência, é alguém. E êsse título, essa qualidade levam-me a fazer por Guimarães tudo quanto as minhas situações o permitam e as condições politicas em que me encontre tornem possível.

Eu posso dizer a V. Ex.ª com franqueza, que a cidade de Guimarães pode contar commigo e que eu só não lhe farei o que não puder, — sem com isto pensar, supôr ou desejar que quero também contar com a cidade de Guimarães.

Agradecendo a prova de consideração e estima que a Associação Commercial acaba de prestar-me, rogo-lhe apresente a todos os seus colegas os meus cumprimentos e V. Ex.ª disponha do nada que é e vale o

Alfredo Pimenta.

O sr. dr. Eduardo até hoje nem um simples cartão de visita com o trivialissimo — agradece.

Sempre parece que há qual-quer coisa.

Mas nós é que somos os maus, os ronthas, os faladores, os ambiciosos...

Comprei os acessórios para bicicletas ou máquinas de costura na Ourivesaria de Fernandes & Cruz, que são quem vende mais barato.

Humanidade!

Parece-nos que não é crime dizer aos homens que sejam humanitários e que os deveres dos funcionários de justiça não excluam os da humanidade que se deve ter para com indivíduos que por pensarem de maneira diferente da nossa e por fazerem exactamente aquilo que outros fizeram para hoje serem o que são, se encontram sob ferros, em luta com a adversidade e com a inclemência daqueles que ontem eram arguidos do mesmo crime.

Dizem-nos que em Celorico de Basto foram presas duas senhoras arguidas de conspiradoras, a quem obrigaram a dormir nas tarimbadas da cadeia, não lhes permitindo que de fora lhes levassem umas camas onde pudessem dormir com a comodidade que se pode ter numa prisão.

Não sabemos se o facto é realmente verdadeiro, não nos custando, porém, a acreditar que o seja.

Se é, daqui suplicamos às sr.ªs D. Ana Osório e D. Maria Vele-da um largo gesto de piedade e dois discursos em favor daquelas desventuradas senhoras, dignas de todo o respeito e atenções, ainda que arguidas de confeccionar uma bandeira azul e branca.

Diabo-negro

Ainda uma vez

Muita gente ligou ao facto de *Diabo-negro* dizer que não mais voltaria a estas colunas uma importância que não tem, não sabemos se attribuindo-o a medo, se a zanga, se a despeito, se a qual-quer outro coisa.

Parece-nos que foi a tudo. Cada pessoa imaginou o que quis, e fez muito bem, porque está no seu plenissimo direito de pensar como quiser.

Manda, porém, a verdade que se diga que *Diabo-negro* apenas deixou de usar êste pseudónimo porque... o mataram, ou melhor — obrigaram-o a suicidar-se dentro de tal denominação.

O colaborador das fantasias que se tornaram em realidades bastante amargas e que causaram uns amargos de boca muito regulares, reconheceu sempre a sua falta de queda para isto de jornalismo, a sua falta de intelligência e de preparo, e acobertou-se com aquele nome que estava perfeitamente adequado à sua nula personalidade.

Pois *Diabo-negro* assim viveu até que um dia o dever de colaborador dêste jornal o levou a uma repartição pública e ai, depois de umas conversas em particular, foi-lhe perguntado com carácter official — na presença de uma pessoa estranha ao acto — quem era o autor do artigo intitulado *Manejos de Toupeira*.

Diabo-negro, que não sabe mentir nem fugir à responsabilidade quando tenha de a tomar, respondeu immediatamente, — não obstante poder deixar de o fazer visto achar-se presente uma pessoa estranha:

—Sou eu.

Ora êste — sou eu — foi o suicidio de *Diabo-negro* após a honrosa liquidação do incidente que trouxe a público, porque, *Diabo-negro* queria viver ignorado, sem ostentação nem vaidade.

Grandes corridas de bicicletas!

As Bicycletas Derby sempre vencedoras!

Nas corridas — *Guimarães — Fafe — Póvoa de Lanhoso — Taipas e Guimarães*, ganharam os 1.º e 2.º prêmios!

Nas corridas de *Louzada — Penafiel — Paredes* ganharam os 7 primeiros premios.

Vendem-se em Guimarães — *Toural, 105 — Loja do Benjamim*.

Estudantes de 1.ª classe do Liceu

Recebem-se até ao número de seis e tratam-se com o máximo cuidado e carinho, como se fossem de familia, contanto que sejam dóceis, delicados e amigos de recolher cedo.

Prefere-se meninas, ainda que estudem qualquer classe, e essas, precisando sair, serão sempre acompanhadas por pessoa de toda a confiança.

A mensalidade que se combinar, pagar-se há adiantadamente.

Rua de S. Damaso, 71 a 73.

Hoje encontra-se aberta a farmácia Martins.

Um pedido

Ao sr. Administrador dêste concelho vamos pedir um grande favor e, a bem dos interessados que precisam de ir à administração tratar de qualquer assunto com s. ex.ª mas que não teem as prerogativas e privilégios das pessoas que entram pela secretaria ou pelo gabinete do sr. secretário e vão ter ao seu, esperamos ser atendidos.

S. ex.ª vai todos os dias tarde, muito tarde mesmo, para a administração, o que não admira visto que s. ex.ª acumula, fora da lei, o lugar de veterinário municipal, empregado da câmara, com o de administrador do concelho, fiscal dos actos da mesmíssima câmara.

Ora desejaríamos ver que s. ex.ª não gastasse o pouquissimo tempo que se demora na administração, e que devia dedicar aos assuntos do seu cargo, em dar muito placidamente as suas lições de francês.

Já não são poucas as pessoas que se queixam de que vão à administração para falar com s. ex.ª e se demoram horas esquecidas porque o empregado ou policia que está de serviço lhes diz que não pode falar porque está muito ocupado, quando afinal se vê que s. ex.ª está dando a sua liçãozinha com Mr. Eugène.

E' um favor que não custa nada a fazer se se lembrar que uma repartição pública, para onde se vai tarde, muito tarde mesmo, não é lugar apropriado para escola, em prejuizo de quem tem os seus negócios a tratar.

Conselho de amigo

Tu gostas, menino, de andar em Bicicleta?

Pede ao papá que te vá comprar já uma à Loja do Benjamim, ao Toural, que é a única casa que as fem, nesta cidade, da reputada e garantida marca Derby 1912. Bicycletas desde 22\$000 a 50\$000 réis.

Nada de sustos

Alguém pensou, no Domingo passado, que o *Lusitano* ia por água abaixo, era levado no embrulho, se deixava ir de rolo, etc., etc., etc.

Nada disso, meninos. O *Lusitano* está onde sempre esteve e continuará a estar onde está.

Dívidas e pecados quem os faz que os pague.

O facto de o nosso director acompanhar um individuo discutido no jornal dêste mesmo dia, não é motivo para reparos.

Ele lá o fez, lá o entendeu.

Teatro Gil Vicente

Com uma casa muito regular, realisou-se no passado Domingo o espectáculo em beneficio de Corcêia Peixoto e Ernesto Freitas, subindo à scena a interessante comédia em 3 actos *Casa de Doidos* que agradou bastante, mas sobre tudo a opereta em 1 acto os *Dois Nênés*, em que Corcêia Peixoto, conservou a plateia em constante gargalhada.

Hoje, representa-se nesta casa de espectáculos, a hilariante opereta em 2 actos *Os Granadeiros* e a comédia em 1 acto *Casar por anúncio*.

É natural que haja grande affluência, pois os artistas são dignos da protecção do publico.

Na Póvoa

Por iniciativa dos srs. Mendes co-proprietário do Café Luso e de Manuel Lopes Martins, foi no dia 14 do corrente celebrado na capela de S. José na Póvoa de Varzim, uma missa por alma do extincto finado Alberto Alves da Silva.

Ao religioso acto assistiu quasi toda a colónia vimaranense, e muitas famílias daquela praia.

Se quereis adquirir uma boa e segura bicicleta, a dinheiro ou a prestações, ide à ourivesaria de Fernandes & Cruz, que as vende por preços baratissimos.

O MOLEIRO

Que alegria tinha dantes,
Que tristeza agora tem!...
Era alegre como o moinho
Quando o vento lhe dá bem.

Morreu o filho ao moleiro,
Morreu-lhe o filho, coitado!
Por isso agora anda triste
Qual moinho desarmado.

A' generosidade dos nossos leitores

Chamamos a atenção dos nossos estimáveis leitores que se dedicam ao exercicio da caridade para um infeliz estudante com o curso de teologia que se encontra gravemente enfermo não tendo sua mãe meios alguns para o tratar.

Móra na rua de Camões, 93 onde qualquer auxilio irá enxugar lágrimas amargas da mãe aflita.

Curso de francês

Açaba de estabelecer-se nesta cidade um curso de francês, para ambos os sexos, dirigido pelo conhecido professor parisiense MR. BARTHÉLÉMY EUGÈNE.

O mesmo professor ad lições particulares em casa dos alunos a preços convidativos.

O curso acha-se instalado na Rua de Alcobaca.



RESTAURANTE DA TROFA
(Antigo RESTAURANTE ROBERTOS)
José Vaz de Araújo, (o José da PALAVRA) tem a honra de convidar os seus ex.ªs freguezes e amigos a visitarem o seu restaurante, onde encontrarão serviço muito esmerado e preços módicos.
Não confundir com outro, porque é o segundo contando da cima.

AVISO IMPORTANTE

Benjamin de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Toural, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam: The Tagus—Spring—Kirmer Dura—Derby—Rateigh—Idial—Sirius, todas do modelo de 1912, de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos preços das fábricas, assim como todos os acessórios para as mesmas.

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22\$000 réis.

Colégio

Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luis Gonzaga Pereira.

TIP. MINERVA VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos quimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



MÁQUINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FÁBRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANUAL: 2.000.000 DE MÁQUINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MÁQUINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO. →

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

OS LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Ano (sem estampilha) . . . 1\$200 rs.
Semestre 600 "
Trimestre 400 "
Pelo correio acresce o porte.
Número avulso 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição por linha 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs, assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesse

GUIMARÃES

OS LUSITANO

Publicação semanal

Ex.^{mo} Sr.